

APRESENTAÇÃO

Elizete de Souza Bernardes (IFMS, campus Dourados)
Michelle Aparecida Pereira Lopes (UEMG - Unidade Passos)
Editoras Organizadoras

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo. (FOUCAULT, 2013, p. 10).

Esta edição especial da Revista Raído vai ao encontro de muitos outros textos, à luz de teorias discursivas, sociológicas, antropológicas, entre outras, que visam pensar e repensar o corpo, em suas mais diversas configurações contemporâneas, sem perder de vista sua densidade histórica bem como sua dimensão enquanto objeto cultural, social e enredado pelo sujeito.

Para além de sua composição fisiológica, estrutural e estética, o corpo é ainda o lugar dos desafios da sobrevivência em sociedade: o *locus* dos apontamentos, o centro de tantas discussões, a arena dos discursos e o foco das reprimendas. O limite entre o sujeito e seu exterior, a linha divisória entre o “eu” e os outros. O invólucro que condensa a personalidade, que denota a identidade, que demonstra e que esconde. O terreno no qual afloram as marcas – as tatuagens, as cores dos cabelos, a maquiagem e também as violências; o suporte dos mais distintos estilos, o território onde atua a discriminação, o sustentáculo do diverso. O corpo é, assim, não apenas o grande cenário do heterogêneo, do rejeitado e do diferente, mas de sobremaneira o palco de todas as resistências. O corpo, portanto, imerso em exercícios de poderes e de resistências, não tarda a entrar no campo político, especialmente com a obra de Michel Foucault na virada dos anos 70.

Aqui no Brasil, lamentavelmente, no ano de 2003, o então deputado esbraveja à colega do Plenário: “Eu não te estupro, porque você não merece”. Em 2018, esse discurso ganha corpo e vence o segundo turno das eleições presidenciais. Mais do que nunca, o corpo da mulher, do gay, do negro, do indígena centra-se no debate político e movimentava tanto o corpo individual como o corpo-população: da disciplina ao biopoder, como nos ensinou o filósofo francês.

Nesse sentido, a *Caleidoscorpo: as luminosidades que transvêm o corpo* emerge num momento histórico e político considerado por muitos como tempos, antes temerosos e, agora, também sombrios. Contra esse lado obscuro, nosso número especial da Revista RAÍDO busca “formas de luminosidade” (DELEUZE, 2005) em distintas áreas das Ciências Humanas, formas de resistências e, sobretudo, formas de re-existências do corpo. Por essa razão, apresentamos quatro réplicas.

A primeira contesta as “fraquejadas”. Aqui, reunimos textos de mulheres que se dispuseram a refletir sobre a violência contra nós, desde o ambiente privado até às ruas. Assim, somos convidadx a re-existir apesar de todas as violências físicas e simbólicas que insistem em nos colocar como um corpo-objeto, docilizado, obsturizado em cortes cirúrgicos, etiquetado em *virgem x profana* e, portanto, merecedor ou não de um estupro. Desse modo, fazemo-nos resistência aos discursos que nos marginalizam e nos reprimem.

Na segunda réplica, as cores do arco-íris iluminam o corpo, como num caleidoscópio. Destacamos dois artigos que nos mostram como a Literatura cintila em sua função social, na medida em que resistir com romances rizomáticos, em tempos ditatoriais, é lutar pela liberdade e democracia do *ser*. Tanto quanto uma declaração de amor, o corpo se traveste como uma declaração de guerra. Resistimos com festa, pois não há estratégia de sobrevivência na guerra mais bonita que o ato de festejar.

A terceira réplica se corporifica nos ditos da escola *com partido*. Os professores protagonizam as reflexões do corpo-marcado na escola, das imagens atravessadas por uma metodologia que inter-relaciona corpo, gênero e saúde, à luz dos estudos antropológicos. Os acontecimentos discursivos midiáticos, por fim, constituindo a língua e anunciando as corporalidades que o saber\ não saber adquire no ensino de língua estrangeira.

Finalizando, a quarta réplica nos instiga a pensar se o corpo pode transcender o humano, a partir das relações entre corpo e identidade. As discussões revelam possibilidades para as configurações corporais estenderem-se também para o que é exterior, “não-humano”, “pós-humano”. Frankenstein, o Prometeu moderno, nos convida a analisar as concepções de corpo e suas questões pontuais para a aceitação e a formação da identidade. Enfim, *que entrem as bailarinas*, pois o corpo se constitui também no palco, no espetáculo, entrelaçando objetos humanos e não humanos, físicos e virtuais.

Agradecemos aos autores e desejamos ótimas leituras!

Passos Dourados, 09 de dezembro de 2018.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico\As Heterotopias**. Trad. SalmaTannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.